

# Lycia Barros

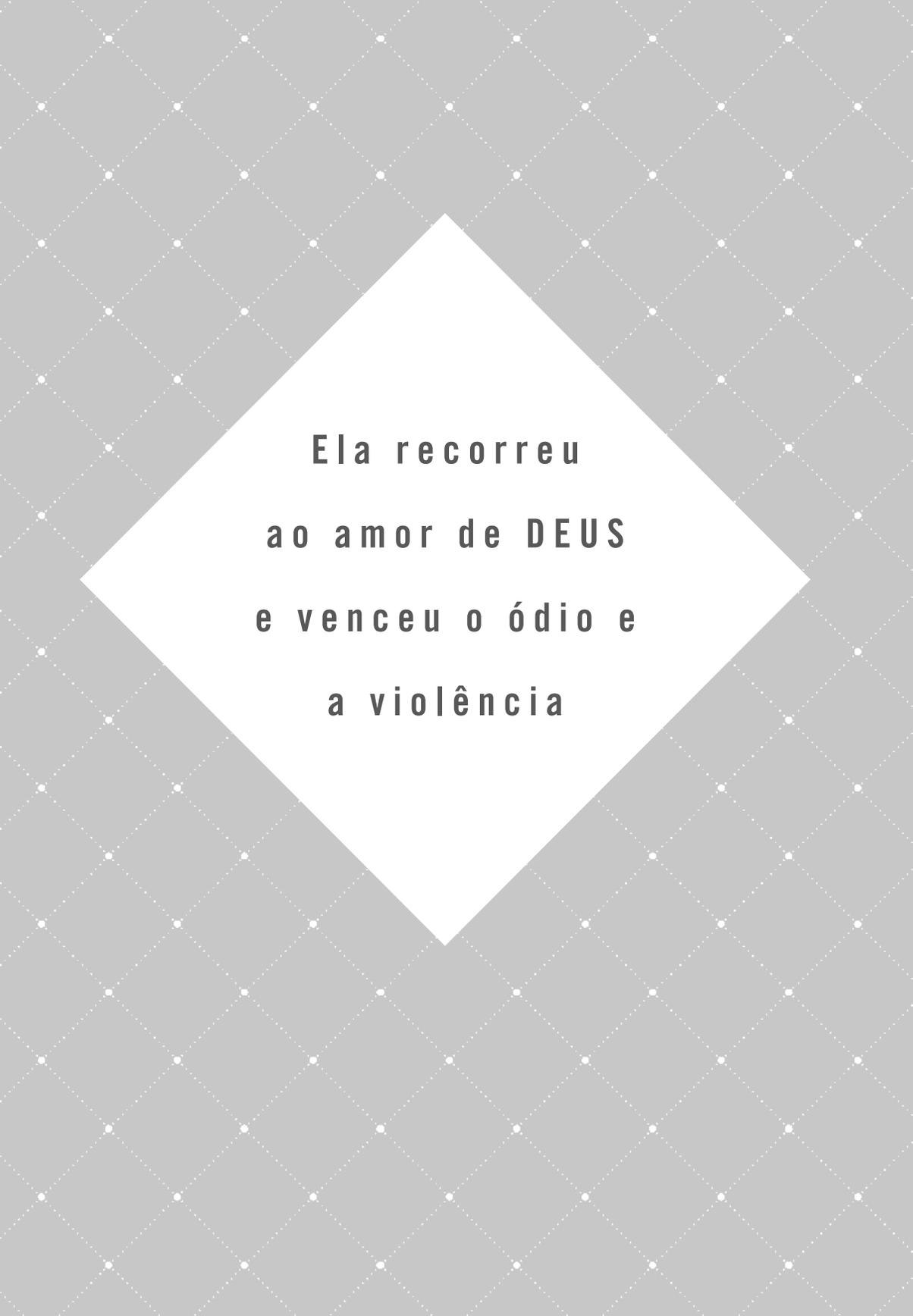


## SEM OLHAR PARA TRÁS

Ela recorreu ao amor de DEUS  
e venceu o ódio e a violência

valentina 

SEM OLHAR  
PARA TRÁS



**Ela recorreu  
ao amor de DEUS  
e venceu o ódio e  
a violência**

Lycia Barros

SEM OLHAR  
PARA TRÁS

  
valentina

Rio de Janeiro, 2016

1ª Edição

Copyright © 2015 by Lycia Barros

CAPA  
Raul Fernandes

FOTO DA AUTORA  
Renan Barros

DIAGRAMAÇÃO  
Babilonia Cultura Editorial

Impresso no Brasil  
*Printed in Brazil*  
2016

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B279s

Barros, Lycia

Sem olhar para trás / Lycia Barros. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Valentina, 2016.  
256 p. ; 23 cm.

ISBN 978-85-5889-008-3

1. Romance brasileiro. I. Título.

16-32894

CDD: 869.3

CDU: 821.134.3(81)-3

Todos os livros da Editora Valentina estão em conformidade com  
o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA VALENTINA  
Rua Santa Clara 50/1107 – Copacabana  
Rio de Janeiro – 22041-012  
Tel/Fax: (21) 3208-8777  
www.editoravalentina.com.br



*Para todas as mulheres que esqueceram de se amar*







*“Deus sussurra em meio ao nosso prazer, fala-nos mediante nossa consciência,  
mas clama em alta voz por intermédio de nossa dor.*

*Este é seu megafone para nos despertar num mundo de surdos.”*

*C. S. Lewis*





## Capítulo 1



*A fuga nunca levou ninguém  
a lugar nenhum.*

*Antoine de Saint-Exupéry*

**A** velha porta de compensado rangeu assim que Agatha a abriu, com as mãos suadas pelo medo. Os dedos frios seguravam a chave pesada quando seu único filho invadiu o recinto, iluminado somente por luzes parcas que cruzavam as venezianas. Havia quanto tempo não pisava naquele lugar? Quinze? Vinte anos? Não tinha a menor ideia. Lembrava-se apenas de que ainda era criança quando sua mãe a levava para visitar a tia.

Dulce, como sugeria o nome, era uma pessoa doce e faladeira. Agatha não havia entendido a razão de aquela mulher tão amistosa nunca ter se casado, bem como ficara surpresa quando a velha senhora mencionara a sobrinha distante em seu testamento. Afinal, jamais tinham sido íntimas.

No entanto, agora estava ali, aos 28 anos, tomando posse de uma casa quase em ruínas após o telefonema do advogado. Dulce havia fornecido a ele os contatos da sobrinha, único parente vivo que possuía, pouco antes de falecer. Agatha, porém, precisava admitir: a aquisição inesperada não poderia ter aparecido em melhor momento. Não que

fosse muita coisa, a residência era bem simples e devia valer uma pechincha. Media, no máximo, 50 metros quadrados de área construída. O teto era de amianto pintado de verde-bandeira e os móveis, tão decrepitos quanto as paredes cinzentas e descascadas.

Contudo, ficava longe do Rio de Janeiro, e era isso o que importava.

– Será que essa lâmpada ainda acende? – Gabriel franziu os olhos para o alto.

Agatha acionou o interruptor.

– Acho que está queimada. Compro outra quando eu for ao mercado amanhã.

– E vamos ficar no escuro?

A mãe não se mostrou abalada.

– Há outras lâmpadas pela casa. Vamos ver se alguma delas ainda está boa e trocamos por esta.

O menino torceu o nariz, mas não reclamou. Agatha continuou examinando o local. Se quisesse mesmo morar ali com o filho, teria muito trabalho; a prova disso era o rastro que sua bolsa havia deixado quando esbarrara na cadeira enquanto a tirava do ombro para colocar em cima de uma mesinha de ferro. Havia muita sujeira a ser limpa; fora isso, o único e pequeno banheiro fedia a esgoto; e eram visíveis partes estufadas por todas as paredes, como se estivessem com micose. Mesmo assim, estavam melhor ali. Disso a nova dona tinha absoluta certeza.

Quando tentou dar um passo à frente, Agatha sentiu sua perna estalar. O corpo todo doía, pois viera dirigindo por mais de duas horas e meia seguidas, sem sequer parar para ir ao banheiro. Portanto, por um breve momento, permitiu-se sentar-se. Apoiou os dois cotovelos trêmulos nos braços da poltrona de couro preto – ignorando o pó que a cobria – e inspirou fundo, fechando os olhos. Deixou que a musculatura tensa e exausta se acomodasse no assento, cujo encosto descrevia um confortável ângulo de 120 graus. Ainda sentia a descarga de adrenalina que a acompanhara durante toda a viagem. Precisava relaxar, pensar bem no que faria em seguida. Então, esfregou os olhos e os abriu, mirando o nada, pensativa.

Enquanto isso, seu filho de nove anos vasculhava o pequeno quarto anexo à sala, com olhos curiosos. Uma cama de casal em madeira ocupava o espaço perto da janela e, acima da cabeceira, uma cruz pendia, solitária, na parede. Não havia armário, e sim uma cômoda antiga com sete gavetas e um ventilador pousado em cima.

Todas as venezianas da casa eram pintadas da cor das folhas das árvores – exatamente o mesmo tom do teto –, por dentro e por fora. As portas também. Agatha fez uma careta para a tonalidade, mas não pensou em alterá-la tão cedo. Sua tia devia ter desejado aproveitar a tinta até a última gota da lata. Pois bem, ela também poderia fazer alguns sacrifícios. Afinal, se a casa servisse como um abrigo seguro, pouco importava que fosse pintada de verde, amarelo ou roxo.

Agora mais calma, examinou o recinto com atenção. Poucos móveis e objetos facilitariam bastante a limpeza. Por sorte, sua tia não era o tipo de velha acumuladora. Também não havia lustres; em seu lugar, lâmpadas amarelas estavam penduradas, uma em cada cômodo. Tudo bastante rudimentar. E, devido à ausência de porta entre a sala e a cozinha, onde agora estava, Agatha pôde contemplar uma velha Brastemp azul-clara, que no Rio de Janeiro seria considerada retrô, mas que, por ser realmente velha, devia puxar muita energia – informação bastante relevante no momento. Fora isso, panelas repousavam em cima da pia de alumínio, onde alguns copos de geleia, virados de cabeça para baixo, estavam perto de um bule de cobre em cima – por Deus! – de um fogão a lenha.

Agatha ficou uma pilha de nervos.

*Como diabos se usa um fogão a lenha?* Cobriu o rosto com as mãos. Mal sabia manusear o cooktop que havia em seu luxuoso apartamento no Rio de Janeiro. E, como sempre tivera empregada, não era íntima da cozinha. Nos fins de semana, sempre comia fora com o marido nos arredores do Leblon, bairro onde moravam. E, quando solteira, como era a filha única e temporã de um casal de mineiros – nasceram e morreram em Juiz de Fora –, faziam tudo para a herdeira. O tipo de pais que, bastava a filha pegar uma escova de dentes, vinham correndo colocar o creme dental.

Bom, pelo menos até Agatha enfrentá-los e depois fugir, aos 18 anos, para se casar com um carioca que mal conhecia.

Seus pais eram muito religiosos e rígidos, e haviam sonhado com outro futuro para a herdeira. Já o rapaz, filho de um empresário fluminense, tinha vindo passar o carnaval na cidade mineira e acabara se encantando pela juiz-forense.

Mas isso era outra história. Uma história que Agatha preferia esquecer.

Resgatando seus pensamentos, Gabriel entrou na cozinha.

– Caramba! Quantos potes de vidro. – Pegou um deles para examinar mais de perto.

– Cuidado para não quebrar – advertiu sua mãe.

De fato, vários potes se empilhavam em um canto da parede, com tampas de estampa de xadrez vermelho, parecendo destinados a compotas ou algo do tipo. Agatha se lembrou vagamente dos doces maravilhosos que comera na casa da tia. Riu num suspiro. Para ela, o conceito de cozinhar era, no máximo, colocar algo no micro-ondas por cerca de oito minutos. E agora ainda precisaria aprender a produzir o fogo. *Santo Deus!*

*Tudo bem* – como no pilates, Agatha se concentrou em manter a respiração regular –, *será mais um desafio dentre tantos. Vou ter que dar conta.* Afinal, também não tinha a menor ideia do que fazer com as dez galinhas, um galo, um porco e três vacas que herdara junto com o pequeno sítio. Embora a casa fosse pequena, o terreno era de um tamanho considerável: 11 mil metros quadrados. Um pequeno lago no centro era habitado por dois patos. Por um minuto, Agatha olhou para a porta e coçou a nuca. Era tarde demais para voltar atrás. Onde estava com a cabeça quando decidira vir embora para Rio Preto? Mas foi só examinar o rosto do filho para se lembrar.

Observá-lo partia-lhe o coração. A mancha escura ao lado do olho esquerdo ainda estava lá, como uma recordação dolorida. Um mal-estar e um aperto no peito surgiam toda vez que olhava para aquilo. Por que motivo não havia conseguido puxá-lo a tempo da frente daquele monstro, antes que desferisse o golpe certo? Aliás, jamais havia conseguido, e isso a frustrava. Que tipo de mãe não teria o reflexo rápido o

suficiente para evitar que o filho tomasse uma bofetada no rosto? *Uma mãe imprestável*, suspirou em silêncio, cheia de culpa. Uma mãe que mal podia se defender. Incompetente. Uma mãe que havia feito muitas escolhas erradas e agora estava pagando um alto preço por isso. E, para seu tormento, seu filho também.

Ambos retornaram à sala.

– Não tem televisão – reparou Gabriel, desapontado.

– Como? – Agatha estava com a cabeça longe.

– Aquele aparelho grande e retangular do qual depende a minha vida. – O menino abriu os braços, apontando para todo o lugar. – Não temos tevê. Como vou jogar videogame? Foi o único brinquedo que eu trouxe...

Agatha forçou um sorriso. *Se todos os nossos problemas fossem esse...*

– Ora – colocou as mãos na cintura –, então vamos ter que arrumar o que fazer. Aliás, com todos esses animais aí fora, creio que não nos sobrá muito tempo livre para brincar.

Para a sua alegria, um brilho de excitação preencheu os olhos azuis da criança. Era um superfã do Discovery Channel e estava tão empolgado em iniciar sua vida rural que viera o caminho todo lendo a respeito no celular.

– Sabia que o porco é o único animal que se queima com o sol, além do homem? – O comentário acompanhou um peito estufado.

– É mesmo? – A mãe abriu mais os olhos. – E onde aprendeu isso?

– No Google – avisou o menino; depois, parou e enrugou ligeiramente a testa. – Será que temos que passar protetor solar nele?

– Em quem?

– No porco.

Agatha riu e bagunçou o cabelo liso e loiro do menino. Depois, resolveu abrir a janela para liberar o cheiro de mofo. Estava um pouco emperrada, mas por fim acabou cedendo aos sacolejos e abriu. O sol tímido do fim da tarde se derramou pelo piso de tacos, e ambos ouviram a cantoria de grilos.

– Não sei o que vamos fazer a respeito da pele sensível do porco. – Ela se virou. – Mas prometo que vamos aprender tudo isso amanhã.

Agora me ajude a tirar as nossas malas do carro, porque está começando a escurecer. Enquanto isso, vou acender um defumador. Já estou sentindo picadas.

O garoto assentiu.

– Vou trazer o repelente que você colocou na minha mochila.

– Faça isso. – Agatha deu um tapa no braço para matar um inseto.

Em seguida, virou-se para ir à cozinha procurar uma caixa de fósforos.

– Mãe? – Gabriel chamou-a; antes de sair, ela se virou. Reparou que ele torcia os dedos das mãos. – Eu também posso jogar pelo celular.

Agatha piscou, com um olhar perdido. Em seguida, apertou os lábios. Essa era a maneira de ele dizer que não iria lhe fazer exigências.

– Obrigada, querido. Mas, assim que eu puder, comprarei uma tevê nova para você.

Gabriel ergueu os ombros.

– Tudo bem. – Seu tom era sincero. – Nós já temos muita sorte de ter ganhado essa casa. – Comemorou e saiu pela porta.

*Sorte.*

Ao pensar no significado da palavra, os olhos de Agatha começaram a arder. Recostou-se no batente da janela aberta e esquadrinhou ao redor. Que tipo de menino criado numa cidade grande, com todos os recursos, encararia aquele casebre decrepito como uma bênção? *Um menino muito infeliz, com certeza.* Um menino que passara a vida inteira com muito medo, mas que agora via alguma esperança no fim do túnel.

Agatha se moveu para tornar a encarar a paisagem de sua nova propriedade. Lamentável era que, ao admirar a imensidão verdejante, ainda não se sentisse otimista. Nem mesmo a brisa suave que tocava a sua face conseguiu aplacar a amargura e o medo que carregava no peito. Seu coração, havia muito tempo, estava preparado exclusivamente para lutas e decepções. Por isso, voltou os olhos para a sua bolsa, sentindo-se mais segura por uma Glock G25 380 rechear seu interior, mas torcendo para que nunca tivesse que usá-la. A não ser, é claro, que alguém levantasse outra vez a mão para o seu filho, na sua frente. Nesse caso, não hesitaria em puxar o gatilho e acabar com o desgraçado, sem perder uma única noite de sono.